

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONTRIBUIÇÃO PARA UM PROGRAMA DE PESQUISA DO PALEOLÍTICO ANTIGO E MÉDIO PORTUGUÊS.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; JORGE, Vítor Manuel de Oliveira

Ano: 1970 | Número: 80

Como citar este documento:

SERRÃO, Eduardo da Cunha; JORGE, Vítor Manuel de Oliveira, Contribuição para um programa de pesquisa do Paleolítico antigo e médio português. *Revista de Guimarães*, 80 (3-4) Jul.-Dez. 1970, p. 361-376.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Contribuição para um programa de pesquisa do Paleolítico antigo e médio português

(Continuado da página 140)

Por EDUARDO DA CUNHA SERRÃO
e VÍTOR MANUEL DE OLIVEIRA JORGE

Tudo indica que a primeira grande diversificação cultural da humanidade se dá em época posterior ao Vilafranquiano, certamente já ao nível dos arcantropianos, emergindo da mancha uniforme constituída pela chamada «cultura dos seixos afeioados» vilafranquiana, que abordámos. Trata-se da dissociação entre os conjuntos industriais que, desenvolvendo-se, segundo parece, a partir do *chopping-tool* (seixo afeioado biface), evoluíram para os bifaces (1) na linha abbevillo-acheulense — como se observa, por exemplo, perto de Casablanca —, e os conjuntos industriais que persistiram na tradição dos utensílios feitos a partir de seixos. Estes últimos determinam um segundo grande sentido da expressão *pebble-culture*, abarcando todos os conjuntos industriais que, genericamente, utilizaram o seixo rolado como matéria-prima para a fabricação de utensílios, através do seu afeioamento, contemporaneamente a outros que conheciam já largamente o biface, artefacto obtido «por extensão do talhe, primeiro a uma parte maior, depois à totalidade do contorno do seixo», no dizer de François Bordes (2). São, aliás, do mesmo autor estas palavras, corroborando a generalidade da diferenciação cultural a que nos acabamos de referir: «Ao nível

(1) *Biface*: «Em princípio, utensílio talhado nas duas faces. Praticamente, substitui a antiga denominação «*coup de poing*» para os utensílios bifaces do Paleolítico antigo e médio» (François Bordes — Cf. *Le Paléolithique dans le Monde*, p. 242). A propósito, *vide*, também, a palavra «biface» do *Dictionnaire de la Préhistoire*, de Michel Brézillon, p. 47.

(2) Op. cit., p. 134.

do Pitecantropo, parece que a dicotomia principal das indústrias do Paleolítico antigo já está estabelecida: certos destes pitecantropos fabricam bifaces em África, na Europa, talvez na Ásia, enquanto que outros permaneceram fiéis às formas antigas, tais como os de Choukoutien ou de Vértesszöllös» (1). Esta teoria, procurando articular os nossos conhecimentos do Paleolítico antigo em termos de vastas províncias culturais, corresponde a uma preocupação que vem de longe, a qual levou Henri Breuil a defender, num determinado período da sua investigação, a hipótese, que fez escola, da existência de dois grandes conjuntos de culturas, o de bifaces (períodos de interglaciação) e o de lascas (períodos de glaciação). Na mesma linha, mas mais próximo do nosso ponto de vista, Van Heekeren propôs a dissociação entre uma «civilização» de talhadores de bifaces (abarcando a África, o Levante e a península indiana), e uma outra, de talhadores de unifaces, que cobriria a Índia setentrional, a Birmânia, a China e a Indo-Malásia. Mas, verdadeiramente, a teoria exposta radica em Movius, que a elaborou nos anos quarenta, cantonando porém os conjuntos industriais sem bifaces no sudeste da Ásia, enquanto que um François Bordes amplia já a área dos mesmos ao sul da Europa, onde vem cobrir parte da área das «culturas» (2) de bifaces (Fig. 4). Uma observação genérica do mapa elaborado por este autor, que reproduzimos, logo esclarece sobre este facto fundamental, já referido, de que, em vastos territórios a este do Antigo Mundo, as «indústrias» de bifaces nunca penetraram, tendo-se nessa zona arcaizante conservado as tradições do complexo do *chopper* (seixo afeiçoado uniface) / *chopping-tool*, em certos casos até ao Plistoceno superior e Neotermal, como acentua Grahame Clark (3).

(1) Idem, p. 133.

(2) Os conjuntos industriais, definidos para o Paleolítico, são em grande medida, como nota Gardin (Cf. «Problèmes d'analyse descriptive en archéologie», p. 139), grupos taxonómicos, criados a partir das propriedades «físicas» ou «internas» dos testemunhos arqueológicos, sendo por isso abusivo utilizar aqui a palavra *culturas* como seu sinónimo. Por comodidade de exposição, utilizá-la-emos, porém, mas entre aspas. O mesmo quanto à palavra *indústria* que, quando entre aspas, deve entender-se no sentido de conjunto industrial.

(3) Cf. *La Préhistoire de l'Humanité*, p. 50.

Circunscrevendo-nos no presente estudo ao Paleolítico antigo e médio, interrogamo-nos agora sobre qual o significado de tal clivagem entre uma linha de bifaces e uma linha sem bifaces. Esta questão, assim colocada a nível mundial, articula-se com o problema da significação possível dessa «originalidade do Paleolítico inferior no litoral português», na expressão de Virgínia Rau (1). Realmente, é possível hoje dar um contexto amplo àquele problema específico da Pré-história portuguesa; integra-se ele, sem dúvida, em questões mais gerais do Paleolítico, que a investigação não tinha tornado suficientemente nítidas nos anos quarenta, quando vieram a lume os resultados das investigações de Breuil e Zbyszewski em Portugal. Ora, como ficou dito de início, é intenção deste estudo contribuir para uma tal abertura de perspectivas, reagindo contra a tendência para uma certa regionalização da problemática e conseqüente fixidez dos métodos de classificação, que sucederam ao frutuoso trabalho de Breuil e seus colaboradores no nosso país. A surpresa inicial perante as colecções portuguesas manifestada por este investigador; a preocupação de Virgínia Rau tentando definir a especificidade do Paleolítico antigo português; a interpretação em termos de paleo-antropologia cultural (já avançada por aqueles autores) de Raymond Lan tier, um colaborador de Breuil [«Esta indústria asturriense (...) representa um dos aspectos da *facies* industrial da civilização dos recolectores de moluscos instalados nas praias portuguesas desde o Abbevillense.» (2)] — são outros tantos indícios de quanto as «indústrias» de seixos afeiçoados do território português apresentam marcada diferença em relação às «indústrias clássicas» europeias e têm de ser encaradas à luz de outro naipe de problemas, que já hoje, aliás, a investigação à escala do globo nos oferece. Prolongando, tanto quanto possível, as preocupações interpretativas daqueles autores, o nosso trabalho visa dar uma contribuição, por parte das ciências humanas, ao estudo do Paleolítico português. Este, como dissemos, terá de ser necessà-

(1) «Da Originalidade do Paleolítico Inferior no Litoral Português», 1945.

(2) *La Vie Préhistorique*, p. 55.

riamente interdisciplinar, postulando a nossa atitude o facto de tal estudo, embora tendo de ter, cada vez mais, um seguro suporte geológico, não poder dispensar um questionário de ciências humanas. A geologia dá-nos o enquadramento, dá-nos uma das periodizações possíveis, e, reconstituindo ambientes, em grande parte reconstitui o homem, numa fase civilizacional em que este minimamente se destacava da natureza e seus ritmos. Tudo isso está certo, mas não deve servir para os especialistas das ciências do homem (na medida em que os pudermos ir tendo) se desresponsabilizarem face a um período que levanta, na sua origem, todos os principais problemas da paleo-antropologia cultural. E se, até por não estar estruturada tal pesquisa interdisciplinar, como também afirmámos, a nossa contribuição conduzir a erros, ao menos poderão estes agir retroactivamente sobre a mesma pesquisa de forma frutuosa. Pois que o levantar de questões «teóricas» não é um «luxo» ou uma antecipação precipitada, como continuam a crer certos técnicos e eruditos, é uma condição prévia e necessária de todo o trabalho científico; pois que a ciência, ou será teórica, ou não será. Assim, seja qual for o montante de factos de que se disponha, voltamos a lembrá-lo, a síntese é sempre uma *urgência*, e não o resultado final e automático de um processo de aquisição de factos que, na realidade, *jamais termina*.

Revertendo ao caso que ora nos ocupa, torna-se evidente que muitas das «indústrias» de seixos afeiçoados do território português devem pertencer ao conjunto da *pebble-culture* no seu segundo sentido referido, isto é, a um grande conjunto de «indústrias» em que o trabalho do seixo continuou a ser, pelo menos, o predominante ⁽¹⁾ (não excluindo, evidentemente, a hipótese de algumas delas poderem pertencer ao grupo anterior, mais antigo, como sugerimos na primeira alínea deste capítulo, hipótese cuja confirmação não será certamente fácil, dadas as más condições geológicas do nosso território no que diz respeito a depósitos do Plistoceno

(1) Note-se que, em termos cronológicos, poderíamos distinguir, com Zotz, três fases na *pebble-culture*: a primeira, pertence ao Vilafranquiano; a segunda corresponde ao Clactonense, Acheulense e Pré-moustierense; a terceira, ao Moustierense e Paleolítico superior.

inferior). Que razões podemos apontar para uma tal contemporaneidade de indústrias arcaizantes e evoluídas (fenómeno, aliás, que é constante na história da tecnologia), quer no caso português, quer em geral? Certos autores relacionam-na com diversos aspectos de uma «civilização», correspondendo a actividades diferentes. É o caso da justificação de um «estilo lusitânico» no Paleolítico de certa parcela do território português, apresentada por Breuil e Zbyszewski, que criaram tal noção em 1942. Estas as palavras por que o fizeram: «Assim, em todos os níveis das antigas praias costeiras quaternárias, foram encontradas indústrias de pedras talhadas, *extremamente pobres em instrumentos clássicos, e nas quais domina o seixo talhado segundo técnicas que variam com a respectiva idade e segundo formas igualmente variáveis, mas sempre simples.*

«Um tal facto exige uma explicação: — por que razão, enquanto que no interior, em que, decerto, os seixos talhados são igualmente frequentes em todos os estádios industriais, mas se associam a um número sempre importante de *coups-de-poing*, já se não encontra, na costa, senão um número ínfimo destes últimos?»

«Trata-se de obra de populações diferentes e de civilizações diferentes? Não pensamos tal, mas cremos que em todas as épocas as populações litorais viveram sobretudo da colheita dos moluscos, e já não da caça (sobretudo da caça grossa) que exigia armas poderosas.

«A vida dos recolectores de moluscos não exigia nada de semelhante; ela parece ter paralisado o engenho industrial dos que se contentavam com isso, imprimindo tal facto, em todos os períodos, *um aspecto inesperado ao conjunto do velho paleolítico das costas portuguesas, que qualificaremos de «facies lusitânica» portuguesa.* Os seus grupos mais antigos são uma variante litoral do Abbevillense, os seguintes do Acheulense, depois do Moustierense, talvez mesmo, fazendo transição para o Asturiense já conhecido, do Paleolítico superior, no seu todo ou em parte». [Os itálicos são nossos] (1).

Esta longa citação é-nos útil, pois servir-nos-emos da criação de tal *facies* ou «estilo lusitânico» como um exemplo de uma forma de pensar os problemas da tipo-

(1) H. Breuil, M. Vaultier e G. Zbyszewski, «Les plages anciennes portugaises entre les caps d'Espichel et Carvoeiro...», pp. 6 e 7.

logia paleolítica cuja superação propomos; por outro lado, às indústrias de seixos afeiçoados portuguesas a que tal «estilo» diz respeito prendem-se as estações que estudámos, referidas no início (1). Como vimos, aqueles autores justificam a criação de um «estilo» litoral pela consideração de modos de vida diferentes adentro de uma mesma civilização, em cada época. Porém, e já a um nível mundial, pergunta François Bordes e nós com ele, como explicar o facto da inexistência de bifaces na maior parte da África, e mesmo da Europa oriental? Outros autores adventam uma explicação baseada no meio ambiente; mas esta hipótese parece ainda mais insustentável, escrevendo Bordes que «os dois tipos prosperaram nos ambientes mais diversos (de periglaciares a subtropicais) e parece terem assegurado a sobrevivência dos seus fabricantes com tanto sucesso num caso como noutro. Quais teriam podido ser então as actividades especiais à Europa e à África que a Ásia não tivesse conhecido?» (2) Segundo outra perspectiva, a solução assentaria num condicionamento de matéria-prima. É a apontada por F. C. E. Octobon, ao escrever, a propósito dos *pebble-tools* da gruta do Lazaret (Nice), que «um calhau rolado *solicita* estas técnicas simples que consistem em criar com pouco esforço um trinchante, um bisel (...)» (3); ou a de Franck Bourdier: «A indústria de seixos, a pebble-culture (...)

(1) A preparação de um trabalho para dissertação de Licenciatura em Ciências Históricas — baseado, em grande parte, no programa de pesquisa que fizamos — levou um de nós (V. O. J.), recentemente, a estudar as jazidas quaternárias da Ericeira. Este ou outros trabalhos têm ainda conduzido os autores ao estudo das seguintes jazidas de seixos afeiçoados, as quais vêm ampliar o seu contributo para a base factual do presente artigo: Forte do Cavalo (Sesimbra-V.O.J.); cascalheiras quaternárias da zona poente do Planalto de Pinheirinhos (Sesimbra-E. C. S. e V. O. J.) — ambas como membros do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra; Magoito (Sintra-V. O. J.); Porto da Bôga (Caia, Portalegre-E. C. S. e V. O. J.). Todas, com excepção da última, dizem respeito à área em que Breuil e Zbyszewski definiram o «estilo lusitano». Acrescente-se que, para a realização das investigações na Ericeira e Sesimbra acima referidas, V. O. J. teve o apoio material da Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Ciência.

(2) Op. cit., p. 136.

(3) «Grotte du Lazaret, Nice (A.-M.). Sixième étude sur les fouilles effectuées dans le locus VIII...», p. 85.

em muitos casos mais parece *uma adaptação a recursos locais em materiais talbáveis, do que uma forma especial de civilização*. [Os itálicos são nossos] (1) Já para François Bordes, ao contrário, «parece realmente estarmos em presença de duas linhas culturais diferentes, e, sem dúvida, esse facto é uma primeira manifestação desta inércia cultural que faz com que o homem não modifique a sua maneira de viver senão sob a ameaça do pior, ou sob o impulso de acontecimentos ou indivíduos excepcionais» (2).

Quanto a nós, nenhuma destas teorias avança muito na explicação do fenómeno. Decerto todas elas intervirão útilmente como contribuições nesse sentido, e quiçá diferentemente conforme os diversos aspectos do mesmo fenómeno. O que nelas, porém, cremos ultrapassado, é o seu pensar a-estrutural, em contradição, até, com as novas propostas da tipologia do Paleolítico (3). Esta forma de pensar releva da noção de que as técnicas é que são o todo integrador, definido uma vez por todas. De tais técnicas, produzindo-se em condições óptimas, resultaram os protótipos definidores das «civilizações», o que corresponde à ideia de que as formas de cultura para cada época estão globalmente definidas, notando-se aí, como escreve Jorge Borges de Macedo, o «preconceito de que esses grandes valores estão determinados uma vez para sempre e que as diversas culturas só valem na medida em que neles participam» (4). Assim, estáticamente, tais «arquétipos» sobrepôr-se-iam à riqueza e variedade das formas tipológicas locais, meras aproximações daqueles, e quando muito definidas em termos de «estilo». Nesta perspectiva de «imperialismo tipológico» não é difícil ver uma concepção mecanicista. Ora pensamos, ao contrário, que para estudar em cada época e área geográfica a forma de inserção das indústrias de seixos afeiçoados no todo cultural da mesma época e área, é necessário partir de uma tipologia emancipada

(1) «A propos de la découverte d'un couperet...», p. 369.

(2) Op. cit., p. 136.

(3) Consulte-se Vitor M. de O. Jorge, «Tipologia e tipologistas do Paleolítico».

(4) Jorge Borges de Macedo, «A cultura portuguesa no mundo contemporâneo: um problema geral», p. 5 da separata.

da técnica. Quer dizer, temos de partir do que verdadeiramente está perante nós, as formas dos utensílios, e não das técnicas utilizadas, que correspondem sempre a uma interpretação, e nas quais se *aliena* a individualidade real, a «originalidade», se quisermos, das formas locais, numa universalidade em grande medida irreal.

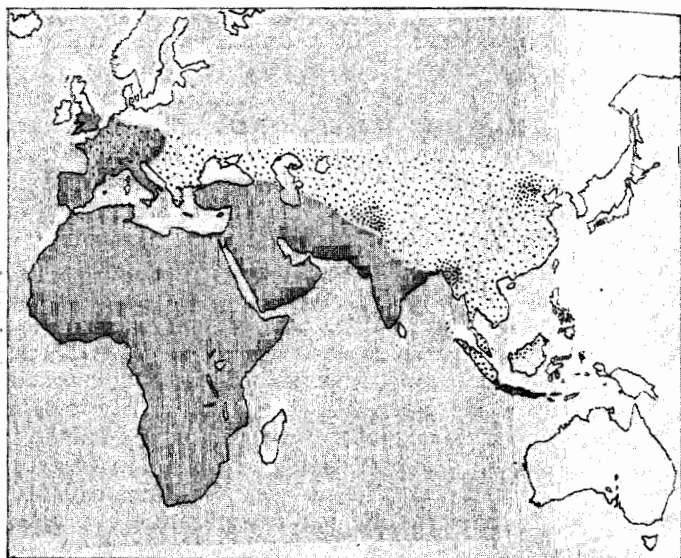


Fig. 4. Carta da distribuição das indústrias com bifaces (a cheio) e sem bifaces (a ponteados) segundo F. Bordes (Cf. *Le Paléolithique dans le Monde*, p. 139).

Pois que, na verdade, e como diz Bordes, em termos gerais, «(...) a técnica não é nunca senão um meio, sendo o fim o utensílio (...). Pode-se sempre, não importa em que matéria-prima, (...) obter a forma exterior que se deseja, aplicando a técnica conveniente»⁽¹⁾. Não podemos alongarmo-nos sobre este ponto, já tratado por um de nós (V. O. J.) em várias oportunidades⁽²⁾; voltamos, porém, a afirmar que o caminho a seguir é o

(1) *Typologie du Paléolithique Ancien et Moyen*, p. 10.

(2) *Vide Bibliografia final.*

da «análise descritiva» (concebida, como aconselha Leroi-Gourhan — na sucessão de um Gardin-independentemente do tempo, das culturas e numa larga medida da natureza tecnológica dos testemunhos (1) de materiais portugueses, capaz de escorar uma «tipologia sistemática» dos mesmos (no sentido de Georges Laplace). Só assim se poderão, em particular, tratar cientificamente as indústrias de *pebble-tools*, «nas quais — como escreve Biberson — e de acordo com inclinações pessoais, se pode encontrar uma facies *kafuense* ou *lusitânica* ou *languedocense* consoante a maneira de ser de quem os descreve» [O itálico é nosso] (2).

Defendeu-se, pois, a necessidade de um pensar estrutural no estudo das «indústrias» do Paleolítico, estudo que deve descolar de uma determinação dos traços distintivos (Gardin) ou atributos (D. Clarke), método esse na sua base atento à *diferença* (3) e permitindo uma abertura a uma muito maior e mais complexa gama de interpretações paleo-antropológicas, no sentido cultural. Esta preocupação metodológica geral foi esboçada a partir de problemas que levanta a definição de um «estilo lusitânico» nas indústrias do litoral português, questão que, por sua vez, surgiu como um exemplo dos vários problemas dizendo respeito ao Paleolítico antigo e médio do nosso território e cuja solução depende, quanto a nós, não tanto da acumulação de mais factos (tarefa de importância *primeira*, mas não *primordial*) quanto da procura de uma nova metodologia. Este ponto articula-se com outro: a necessidade de integração daquela e de outras questões candentes do Paleolítico antigo e médio português numa perspectiva universal. Este aspecto leva-nos a concluir esta alínea como começámos, referindo-nos, agora um pouco mais demoradamente, às principais estações dos conjuntos industriais sem bifaces do Paleolítico antigo. A compreensão da *pebble-*

(1) *La Préhistoire*, p. 244.

(2) *Le Paléolithique Inférieur du Maroc Atlantique*, p. 402.

(3) Eduardo Prado Coelho: «(...) o esquema consagrado de continuidade na descontinuidade, de descontinuidade na continuidade, por saltos qualitativos que não alteram a permanência itinerante do Mesmo, tal esquema revela-se hoje inadequado e conformista, no seu propósito de ocultar a *diferença* onde a novidade se insere.» (Prefácio a *Estruturalismo* — antologia de textos teóricos, p. IV.)

-culture europeia e, em particular, portuguesa, posterior ao Vilafranquiano, necessita de tal conhecimento.

No noroeste da península indiana, no Pendjab, encontramos, na região do Soan (afluente do Indo), o Soanense antigo, com utensílios obtidos a partir de seixos, afeiçãoados sumariamente, e semelhantes aos olduvaienses; na China, a estação de Choukoutien, onde o mesmo tipo de utensílios surge em diversos locais de épocas diferentes. Refira-se, em particular, o «local 1», onde se encontrou, associada a restos ósseos de sinantropos, uma utensilagem composta de *choppers* e *chopping-tools* de quartzo e grês. Todo o sudeste da Ásia, como aliás dissemos, e de acordo com Bordes, representa um grande complexo industrial evoluindo diferentemente do complexo do biface. No Anyathense antigo (Birmânia), como no Choukoutense e Soanense, o instrumento principal é sempre um *chopping-tool* de menores dimensões que o biface, de contorno quase circular, trabalhado sobre a bigorna e por isso de facetas muito côncavas; ao mesmo tempo, regista-se o uso de instrumentos feitos de lascas. Este complexo provavelmente estende-se ao longe, seguindo um caminho ainda mal conhecido, mas que poderia passar, segundo Bordes (1), pelo sul da U. R. S. S., como parece mostrarem achados localizados ao norte do mar de Azov.

A África faremos apenas uma breve referência. Se neste continente, como escreve Chavaillon, «(...) devêssemos considerar dois conjuntos culturais, seriam por um lado as civilizações de seixos afeiçãoados, por outro as civilizações de bifaces». Mas logo acrescenta: «Além disso, em locais próximos, não há contemporaneidade destas duas culturas, mas pelo contrário passagem de uma a outra: os talhadores de bifaces assimilaram as técnicas da «Pebble Culture» e perpetuaram-nas durante centenas de milénios». [O itálico é nosso] (2). Esta evolução cultural (que assim em África se processa de forma progressiva, e apenas detectável, para as fases de transição, em termos de percentagens estabelecidas sobre os conjuntos de artefactos recolhidos) será ilustrada por um único exemplo: o do estádio IV da «civilização do seixo

(1) Op. cit., p. 89.

(2) *La Préhistoire*, p. 323.

afeiçoado», estudado em Marrocos por Biberson, e datável do maarifiano (1). Escreve este autor: «Este novo estádio arqueológico contém todos os tipos de *pebble-tools* que existiam anteriormente, mas misturam-se com alguns «maus bifaces», como os qualificou o Abade Breuil, que nos demonstram encontrarmos-nos perante o final de uma civilização ou, pelo contrário, ante o começo de uma nova etapa da evolução pré-histórica» (2). E passa a descrever oito estádios da «civilização dos bifaces», correspondentes ao Acheulense (antigo, médio e evolucionado).

Quanto à Europa, aponte-se a descoberta, na Hungria, da estação de Vértesszöllös, a 50 km a oeste de Budapeste, de uma época interestadial mindeliana, e cuja indústria, estudada por L. Vértes, que aí fez escavações desde 1963, é composta por mais de 3.000 utensílios e lascas, quase todos obtidos a partir de seixos e sem um único biface. Os achados na Tchecoslováquia apontam, genericamente, para uma época mais tardia e, na opinião de Bordes, são de pouco significado, dada a sua pobreza. Cite-se, porém, as descobertas de Zebera na Boémia (estações de Mlázice e de Sedlec), atribuídas pelo seu autor ao Clactonense. Na Polónia foi igualmente detectada esta «indústria», datando do Riss. Em França, das diversas jazidas que parece integrarem-se no complexo de indústrias de *choppers* [*chopping-tools*] sem bifaces, referimos a gruta do Pech de l'Azé II, Dordogne; a «indústria» clactonense e «tayacense» de Fontéchevade, Charente; e a comparável de Sainte-Anne d'Evenos, Provence, todas datáveis, com maior ou menor certeza, da glaciação de Riss. Mas a jazida-chave, para aplicar uma expressão de Bordes, encontra-se em Inglaterra, em Clacton on Sea, na costa do Essex. Na verdade, o conceito de Clactonense está entre aquelas noções de Breuil que convém rever; as pesquisas de Hazzledine Warren em Clacton permitiram definir o que por tal deve entender-se realmente, ou seja, uma indústria que pertence à linha sem bifaces, mas em que os *choppers* e *chopping-tools*, em vez de serem feitos a

(1) Andar correspondente a uma transgressão marinha, observado no litoral de Marrocos, e podendo corresponder ao Siciliano.

(2) «La evolución del Paleolítico de Marruecos el en marco...», p. 14.

partir de seixos, são feitos a partir de nódulos de sílex e foram por isso confundidos com núcleos.

O exemplo do Clactonense, como aliás, no sentido contrário, o do Padjitanense de Java, no qual se regista a presença de bifaces (*Vide Fig. 4*), servem para nos advertir de que os dois grandes ciclos considerados, um com, outro sem bifaces «(...) cuja existência é inegável — escreve Sonnevile-Bordes — não poderiam contudo ser considerados como mutuamente exclusivos, regional e cronologicamente». [O itálico é nosso] (1). E é o próprio Movius quem acentua o caso da Índia, em que os dois complexos se imbricam cronologicamente. Aliás, a fragilidade das teorias explicativas, no actual momento da paleo-antropologia cultural, mesmo que reportando-se a áreas e períodos cronológicos menos amplos do que os do caso presente, é um facto que, mau grado seu, entrou nos hábitos de todos os investigadores. Mas se é verdade que, praticamente, cada pré-historiador criou a sua Pré-história, também é certo que, como era de esperar, se pode traçar coerentemente a evolução última desta disciplina, quer em relação com o desenvolvimento dos quadros gerais da cultura contemporânea, quer com a cristalização progressiva de um conjunto de noções sobre as primeiras fases da história humana que estão no consenso de todos os investigadores. Apesar do carácter eminentemente provisório das teorias explicativas neste campo, é nelas que assenta uma metodologia. Ora a metodologia que propomos para o estudo das «indústrias» de seixos afeiçoados do território português, integradas que foram nas suas congéneres à escala mundial, decorre da já experimentada nestas, e repousa, como foi referido, no trabalho de construção de uma tipologia sistemática, articulada com a «análise descritiva» (Gardin) ou «morfologia descritiva» (Leroi-Gourhan) das peças líticas. Esta forma de tratamento dos testemunhos arqueológicos conduz à construção de códigos analíticos que suportem a criação de diversas tipologias, permitindo, ao mesmo tempo, que cada uma delas seja muito mais rigorosa do que se construída empiricamente. Como é sabido, a tipologia das indústrias de seixos afeiçoados tem vindo a ser tra-

(1) *L'Age de la Pierre*, p. 65.

EXEMPLOS DE SEIXOS AFEIÇADOS DO TERRITÓRIO
PORTUGUÊS (*)

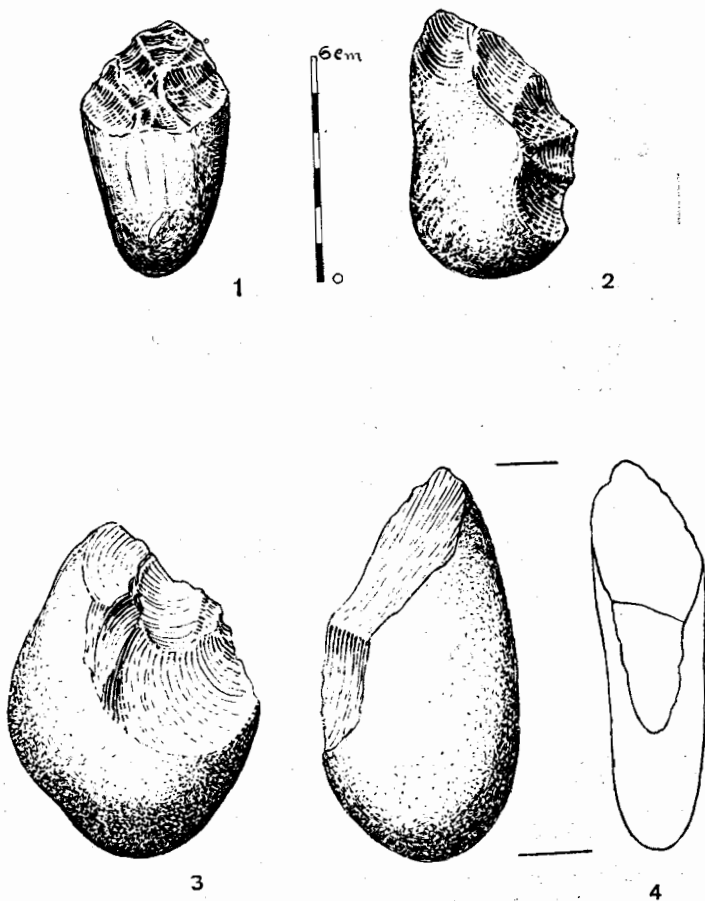
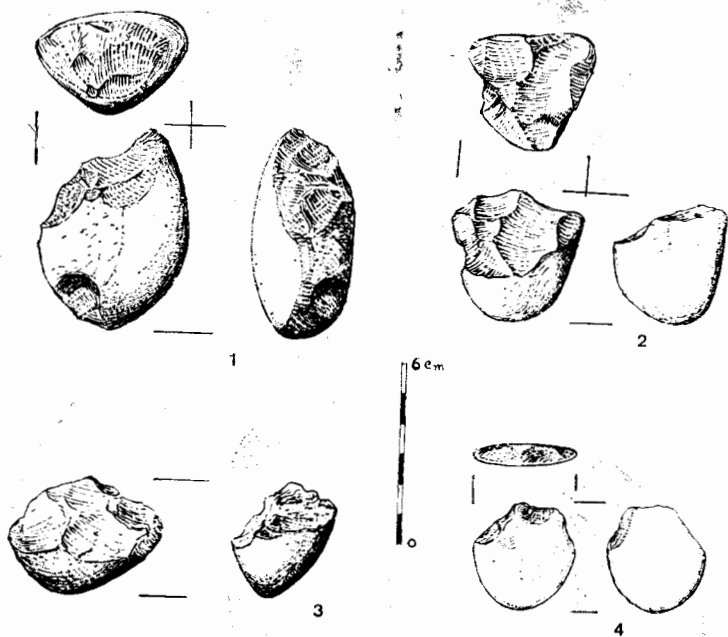


Fig. 5 — 1 — Magoito (Sintra). Nivel Siciliano I (c. 90-95 m.). Seixo afeiçãoado uniface. Série I-B (Cf. Breuil e Zbyszewski, «Contribution à l'étude des industries paléolithiques...», vol. II, Magoito, Pl. 1, 9).

2 — Magoito. Nivel Siciliano I. Seixo afeiçãoado uniface. Série I-B. (Idem, 7).

3 e 4 — Magoito. Nivel Siciliano I. Seixos afeiçãoados unifices. Quartzito. (Cf. H. Breuil, «Contribution à l'étude des terrasses quaternaires au Portugal», p. 11, fig. 1.)

(*) — Os autores agradecem aos outros elementos das equipas de prospecção mencionadas a possibilidade de utilização, neste estudo, dos exemplares nelas recolhidos; e, ao Doutor Georges Zbyszewski, a análise prévia dos mesmos que, gentilmente, e a pedido dos autores, realizou.
Além disso, esclarecem não terem as legendas acima a intenção de descrever exaustivamente os materiais representados, o que será feito, no caso das Figs. 6 e 7, no corpo dos artigos monográficos ou outros trabalhos a que tais materiais se destinam.



E.S.

- Fig. 6— 1—Cascalheira quaternária da zona poente do Planalto de Pinheirinhos (Sesimbra). Seixo afeiçoado uniface. Quartzito. (Seg. Zbyszewski, Abbevillense ou Acheulense antigo). Recolha superficial de E. C. Serrão, V. O. Jorge e V. S. Oliveira, Setembro de 1969.
- 2—Planalto a nascente de Pinheirinhos (Sesimbra). Seixo afeiçoado uniface. Quartzito. (Seg. Zbyszewski, raspadeira). Série I-2. Recolhido à superfície por E. C. Serrão em 1968.
- 3—Forte do Cavallo (Sesimbra). Rechã do Tirreniano I (entre o Forte e as altitudes de 30 a 35 m.) Seixo afeiçoado uniface. Quartzito filoniano. (Seg. Zbyszewski, raspador). Recolhido à superfície por V. O. Jorge em Agosto de 1969.
- 4—Forte da Baralha (Sesimbra). Nível Tirreniano I (30 m.). Seixo afeiçoado biface. Quartzito. Seg. Zbyszewski, de «estilo micro-lusitano». Série I. Recolha de superfície de E. C. Serrão, V. O. Jorge, V. S. Oliveira e J. M. Arnaud em Setembro de 1967.

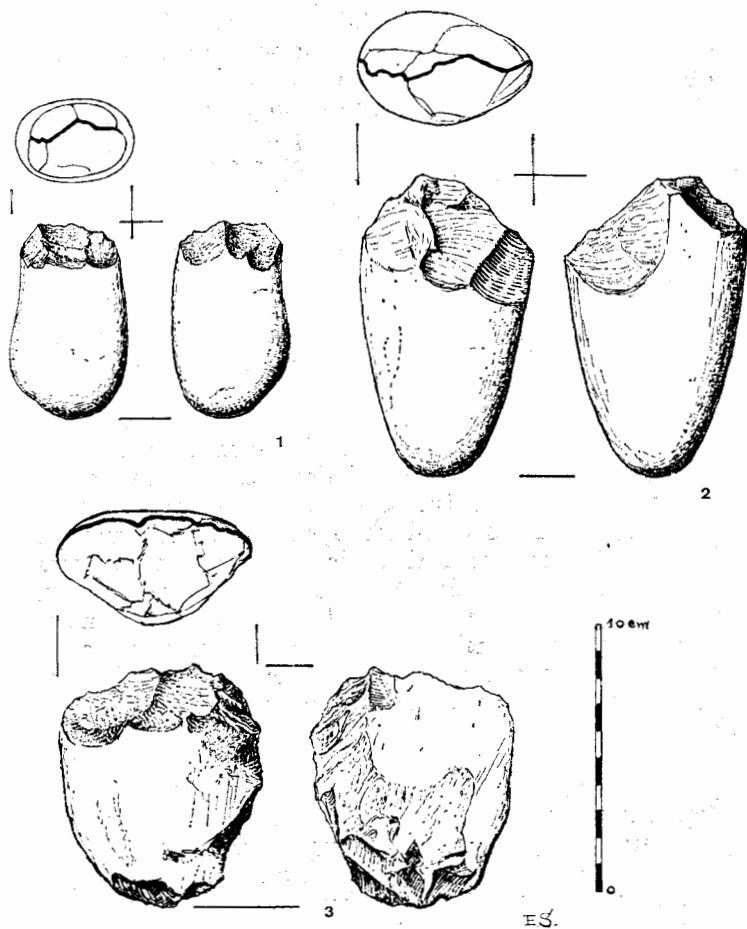


Fig. 7—1 e 2 — Forte dos Milregos (Ericeira-Praia C). Nivel Tirreniano I (12-35 m.). Seixos afeiçoados bifaces. Quartzito. Seg. Zbyszewski, Acheulense Superior ou Languedocense. Recolhidos à superfície por V. O. Jorge em Agosto de 1970.

3 — Moinho da Agonia (Loures). Seixo afeiçoado bifacialmente em 3/4 da periferia. Quartzito. Recolha superficial de V. O. Jorge e V. S. Oliveira, em Dezembro de 1969.

tada por diversos autores: L. Leakey, Van Riet Lowe, Hugot, H. Breuil e Lantier, Alimen e Chavaillon, F. Bordes, L. Balout, Ramendo e Biberson, principalmente, devendo ser, em nossa opinião, os últimos quatro os guias metodológicos na criação de uma tipologia dos seixos afeiçãoados do território português, trabalho que, no entanto, tomando como base as propostas de Gardin e Leroi-Gourhan a que aludimos, pode hoje, de um ponto de vista metodológico, ser levado mais longe do que os seus congêneres estrangeiros que conhecemos. Entre outros aspectos, tal trabalho seria uma contribuição a uma fixação da nomenclatura (de que se fala tanto ultimamente em Portugal -1-) deste tipo de conjuntos industriais; cremos, na verdade, que a terminologia apenas se deve particularizar em cada país quando os seus materiais absolutamente o exijam. Doutro modo, como enquadrar, de forma coerente, a problemática do Paleolítico português na conjuntura do Paleolítico mundial, como temos várias vezes insistido (apesar de não desconhecermos as dificuldades de tal tarefa)? É a nomenclatura um instrumento indispensável no desenvolvimento da nossa ciência, como de qualquer outra; não nos esqueçamos, porém, de que não estamos perante um problema meramente técnico formal, mas sim semântico, envolvendo qualquer nomenclatura um sistema de conceitos. E, realmente, estamos convencidos de que conceitos como os de «estilo lusitânico» (de que nos servimos como exemplo), de languedocense, asturiense, ancorense, etc., etc., isto é, de uma forma geral, todos os conceitos criados pela tipologia morfológica clássica, única que até hoje se aplicou aos materiais do Paleolítico português, *são conceitos a rever*. E esta revisão só terá verdadeiro significado se os investigadores portugueses souberem erguê-la a um novo degrau epistemológico.

(*continua*)

(1) Do que é exemplo a proposta, feita durante o II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970), de realização de um Colóquio sobre os problemas da terminologia, da qual um de nós foi um dos autores, e que foi aceite.

Acrescente-se que V. O. Jorge apresentou, na sessão de 26. XI. 1970 da Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, uma comunicação intitulada «Nomenclatura—base dos conjuntos industriais de seixos afeiçãoados: uma proposta», da qual resultará um artigo a publicar brevemente.